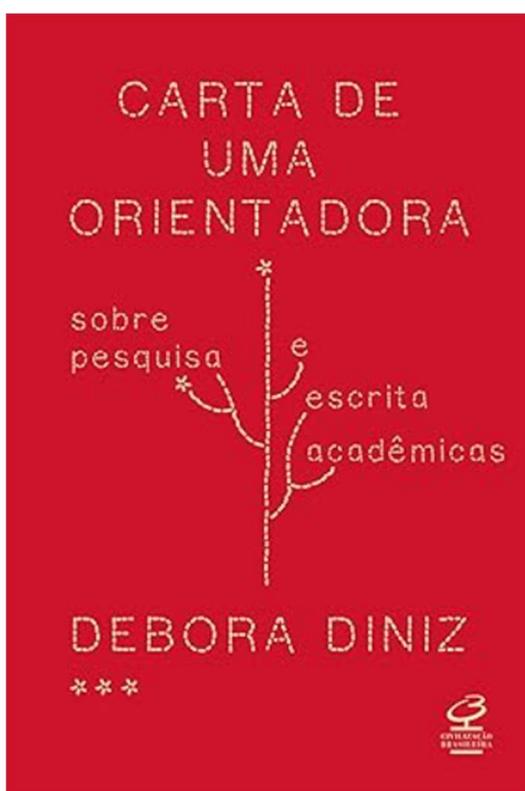


Para a jornada acadêmica, generosidade e escuta

DINIZ, Debora. **Carta de uma Orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024, 208p.

LUANA ELAINY ROCHA MAGALHÃES*



É por meio da generosidade e da escuta atenta de suas leitoras e ouvintes que Debora Diniz, antropóloga, escritora e pesquisadora, borda um livro que abre

caminhos para aquelas que precisam e/ou desejam escrever. A escrita, especialmente de trabalhos acadêmicos, é algo que aterroriza muitas de nós, sobretudo pelo imaginário de genialidade e originalidade que se foi consolidando em nós ao longo da vida e que acaba por gerar em nossas mentes um desalinho que nos bloqueia. Além disso, há o tempo e a procrastinação, as relações acadêmicas e seus abusos. Débora, ao longo do livro, nos guia para um reencontro com a escrita e conosco mesmas.

O livro é composto por um prefácio, oito capítulos e um posfácio. No prefácio, ela faz referência ao livro que havia escrito em 2008, que também era uma carta, mas avisa que este é um novo livro, fruto dos seus aprendizados até aqui, especialmente no período da pandemia e das observações feitas por suas leitoras durante os cursos virtuais, sinalizando o que seria importante abordar e que não estava no livro antigo. Ela escreve de



* **LUANA ELAINY ROCHA MAGALHÃES** é Graduada em Direito pela Faculdade CEUT, com especialização em Direito Constitucional e Administrativo pela ESA/PI, e Mestra em Antropologia pela UFPI.

modo próximo, como numa conversa com sua leitora, já que é uma carta. O livro é também um direcionamento para quem deseja ser sua orientanda, funcionando como uma espécie de apresentação de seu modo de trabalhar como pesquisadora e orientadora. É um livro que se coloca para quem vai iniciar a pesquisa, mas penso que ele deveria ser lido assim que a pessoa ingressa na universidade, porque ele traz muito dos não ditos sobre a vida acadêmica.

O primeiro capítulo é *A Carta*. Nele, ela explica que a orientadora é uma acompanhante, uma leitora e uma editora. Com isso, humaniza a figura da orientadora, ao mesmo tempo que incentiva a autonomia da orientanda, não a colocando em um lugar de subalternidade, mas convocando-a a se ver como uma escritora e pesquisadora, com responsabilidade sobre seu trabalho. Ela também destaca que a orientanda não estará sozinha, pois contará com o suporte de sua acompanhante, a orientadora, e de suas colegas do grupo de pesquisa. Aqui, Debora também faz o convite ao trabalho coletivo, desfazendo a ideia de que uma intelectual deve ser solitária. Para ela, a solidão e o sofrimento não devem ser os ingredientes de uma boa autora, mas sim a alegria e o encanto pela pesquisa e pela escrita, além da conexão com a coletividade.

O segundo capítulo é *Antes do primeiro encontro*. Nele, Debora explica como será o primeiro encontro entre ela e sua possível orientanda. Ela pede que se leia o livro antes de entrar em contato pedindo orientação, pois esse é o primeiro passo para avaliar a viabilidade de trabalharem juntas. Isso significa que, quando desejamos que alguém nos oriente, antes de procurar essa pessoa, precisamos conhecer seu trabalho e saber de seus interesses, a fim de identificar se

eles se assemelham aos nossos, para que a orientação seja, de fato, um encontro. É aqui que ela apresenta e sugere os cadernos Vaga-lumes e Canteiro de obra. Debora ainda traz uma sugestão valiosa: “faça um espelho em formato de pastas em seu gerenciador de arquivos”. Essa organização é vital para não se perder ao longo da construção do currículo Lattes, pois permite que você tenha acesso fácil e rápido aos certificados e produções que comprovem as informações que você colocou no currículo. Também é nesse ponto que ela fala sobre "turismo textual" e ensina a maneira mais eficiente de realizá-lo. Vale dizer que as notas de rodapé ao longo do livro são riquíssimas. Observe-as!

O terceiro capítulo é *O primeiro encontro*. Nele, há um convite para refletir sobre a motivação que a levou a selecionar os temas de pesquisa anotados no caderno Vaga-lumes. Debora compartilha sua experiência para que, a partir dela, possamos construir e compreender nossas próprias escolhas e motivações. Nesse ponto, Debora aborda o título funcional e nos ensina a escrevê-lo com uma regrinha que, a princípio, você pode pensar: 'Ah, não precisa!', mas logo perceberá que estará seguindo exatamente como ela ensinou – e vale a pena, além de ser divertido. A sugestão valiosa deste capítulo é a 'formuleta' para escrevermos e delimitarmos corretamente o problema de pesquisa. No entanto, a verdadeira preciosidade está no acolhimento que vem a seguir, quando ela fala sobre nossas imperfeições, que fazem parte da condição humana. Isso, porém, não significa desleixo com a pesquisa e a escrita. Por isso, rigor e transparência em todo o nosso processo de trabalho são fundamentais. Este é um ponto importante, pois há uma tendência de pensarmos que trabalhos realizados sem sofrimento e com acolhimento de nossas

limitações, são executados de forma displicente, sem o devido rigor. Debora desconstrói essa ideia e mostra que é justamente o contrário. O acolhimento e a compreensão das nossas imperfeições nos protegem da 'síndrome da impostora', que nos traz uma falsa ideia de inabilidade e nos paralisa.

O quarto capítulo é *O encontro com a leitura*. Não é possível ler absolutamente tudo, por isso Debora já começa nos lembrando o básico – algo que costumamos esquecer: 'ler é fazer escolhas'. Ela explica como fazer mapas de autoras, sugere o uso de ferramentas de inteligência artificial para isso e mostra como nomear arquivos de modo mais eficiente. Ela chama a atenção para a diferença entre ler e estudar. Pode parecer algo simples, mas são conceitos que muitas vezes nos escapam, pois achamos que sabemos e não nos questionamos ou revisamos com frequência nosso modo de fazer as coisas, ou se há outra forma de fazer. Outro ponto importante abordado nesse capítulo é sobre as 'autoras fortes', que são aquelas que nos guiarão na construção de nossas lentes conceituais. Aqui, Debora nos convida a refletir sobre quem aprendemos que são os clássicos da nossa área de conhecimento: por que, geralmente, são eles e não elas? Quem está à margem dessa definição de cânone? Tudo isso nos faz entender que a escrita não deve ser algo pesado e que sua 'sofisticação deve estar no pensamento, na construção do argumento e no cuidado com o trabalho de campo'. Ao longo do capítulo, Debora nos mostra com muita transparência e objetividade o processo de escrita. Aos poucos, vamos reconstruindo nossa autoconfiança para nos aventurarmos na arte da escrita.

O quinto capítulo é *O encontro com o tempo*. Calendários, ritmos,

perfeccionismo e procrastinação: todos são gatilhos para a angústia acadêmica! Mas Debora nos acolhe, pede calma e mostra que o tempo pode ser nosso aliado, e que podemos até brincar de controlá-lo e nos divertir na escrita. Planejamento é fundamental, e ela nos apresenta possibilidades para organizá-lo, sempre lembrando que tudo deve estar em sintonia com nossas demandas pessoais, familiares e profissionais. Dois pontos muito importantes trabalhados aqui são: o perfeccionismo e a procrastinação. Precisamos entender que seremos imperfeitos, como já discutido em capítulo anterior, e ela reforça que isso não significa fracasso, mas sim um 'estado transitório de reflexão e aprendizado'. Quanto à procrastinação, Debora explica muito bem o que é, e isso é essencial, pois muitas vezes confundimos procrastinação com os imperativos da vida que nos sobrecarregam e bloqueiam nossa pesquisa e escrita.

O sexto capítulo é *O encontro com a escrita*. Aqui, faz-se o arremate de tudo o que foi construído até agora, abordando o medo que sentimos diante da primeira página e do vazio que ela representa. A proposta é subverter as regras tradicionais para iniciar a escrita e começar pelo que fará pulsar em nós a confiança de que é possível realizar esse trabalho. Debora estará ao seu lado, segurando sua mão e trilhando esse caminho com você. Abra a página vazia com o seu livrinho vermelho nas mãos. Ela conta que acredita que 'a motivação para a escrita é de uma ordem existencial', e, por isso, o convite é, antes de tudo, para que você se perceba ao longo da caminhada e identifique, por exemplo, qual é o seu ritmo para a leitura e para a escrita. Debora também reforça que, na escrita, não há neutralidade, e esta não significa confiança. Por isso, é preciso ter cuidado!

O sétimo capítulo é *Os desencontros*. Se você já iniciou sua pesquisa e está no processo de escrita, seja na graduação, no mestrado ou no doutorado, e tem encontrado dificuldades, talvez deva começar a leitura do livro por este capítulo. É aqui que muitas situações já vividas por nós poderão ser ressignificadas. Muitas agressões que sofremos foram absorvidas como sinais de que somos incompetentes ou inadequadas, o que nos faz questionar se a academia, a pesquisa e a escrita são realmente para nós. Neste capítulo, você poderá se sentir, enfim, acolhida e mais leve. Existem alguns desencontros que talvez não possamos evitar, mas há outros que sim, como o caso de plágio e dos malfeitos no trabalho. Quanto a estes dois últimos, a responsabilidade é exclusivamente nossa.

O oitavo capítulo é *O encontro com as leitoras*. Neste capítulo, há uma

oportunidade de amadurecimento, pois somos levadas a refletir sobre a jornada da escrita, a vê-la com beleza e entusiasmo, além de aprender a receber críticas. Será necessário, como diz Debora, o desapego do texto, para estarmos prontas a recomenciar, se for preciso, e crescer com as críticas recebidas. Entre as leitoras estão aquelas que chamamos de sujeitas da pesquisa, e aqui o convite é para que a escrita seja feita pensando também nessas pessoas, com uma postura ética ao elaborar nosso texto.

O livro é, portanto, um ato de generosidade de Debora com suas alunas e leitoras, mas também com as professoras orientadoras. É uma obra que enaltece o poder de estarmos em coletividade.

Recebido em 2024-09-25
Publicado em 2025-01-01